
Sinalizando tradições: efeitos de sentido nos sinais em Libras utilizados para o personagem índio/ indígena no Bumba meu boi do Maranhão

Helen Vanessa Silva Lopes

Instituição: Universidade Federal do Maranhão.

E-mail: helen.vanessa@discente.ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4380-1410>

Vandilma Sousa Aguiar

Instituição: Universidade Federal do Maranhão.

E-mail: vs.aguiar@discente.ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5329-2729>

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Instituição: Universidade Federal do Maranhão.

E-mail: marcelo.nicomedes@ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9715-2099>

Resumo: Dentre as festividades regionais do Maranhão, o Bumba meu boi encontra-se em destaque. A maneira como são nomeados os personagens que as compõem resulta dos discursos produzidos a respeito deles. Logo, no que se refere à Língua Brasileira de Sinais (Libras), esta afirmação segue aplicável por conta de sua iconicidade. Com base nesta afirmação, a presente produção questiona-se: quais os efeitos de sentido são expressos através da sinalização do sujeito índio/indígena, que marca os grupos brincantes de Bumba meu boi do Maranhão? Assim, a pesquisa tem como objetivo analisar os efeitos de sentido presentes na sinalização utilizada para a representação do sujeito índio/indígena no contexto do Bumba meu boi. Para tanto, segue os objetivos específicos de identificar os sinais que são ou eram utilizados para referir-se ao sujeito indígena presente nesta manifestação cultural e analisar que sentidos atravessam os sinais coletados referentes ao personagem índio/indígena. Apresenta como método de análise dos dados a Análise do Discurso Materialista, tendo como *corpus* quatro sujeitos surdos, com os quais realizou-se uma entrevista, a fim de registrar os sinais coletados por meio de registros visuais. O arcabouço teórico da pesquisa contou com a teoria de Análise do Discurso de Pêcheux (2010); com os aspectos linguísticos em Orlandi (1984; 2008; 2010 e 2015) e Indursky (2000 e 2011); e os estudos linguísticos que Quadros, Pizzio e Rezende (2008) trazem sobre a língua de sinais enquanto língua e dotada de gramaticidade.

Palavras-chave: Língua de Sinais; Bumba meu boi; Análise do Discurso

Signaling traditions: meaning Effects in Libras Signs Used for the Indigenous Character in the Bumba Meu Boi of Maranhão

Abstract: Among the regional festivities of Maranhão, Bumba meu boi stands out. The way in which the characters that make up this tradition are named results from the discourses produced about them. Therefore, regarding Brazilian Sign Language (Libras), this statement remains applicable due to its iconicity. Based on this premise, the present study questions what meaning effects are expressed through the signing of the indigenous character, who is a key figure in Bumba meu boi groups in Maranhão. Thus, the objective is to analyze the meaning effects present in the signs used to represent the indigenous character in the Bumba meu boi context. This study aims to report which signs are or were used to refer to the indigenous subject in this cultural manifestation and to analyze the meanings embedded in the collected signs regarding the indigenous character. The methodology is based on Materialist Discourse Analysis, with the corpus consisting of interviews with four deaf individuals. The signs were collected through visual records. The theoretical framework includes works by Pêcheux (2010); Orlandi (1984; 2008; 2010; 2015); Indursky (2000; 2011); Quadros, Pizzio, and Rezende (2008), which serve as the basis for the proposed discussions.

Keywords: Sign Language; Bumba meu boi; Discourse Analysis

Señalando tradiciones: efectos de sentido en los signos en LSB utilizados para el personaje indígena en el Bumba Meu Boi de Maranhão

Resumen: Entre las festividades regionales de Maranhão, se destaca el Bumba meu boi. La manera en que son nombrados los personajes que las componen resulta de los discursos producidos sobre ellos. En consecuencia, en lo que se refiere a la Lengua Brasileña de Señas (Libras), esta afirmación continúa siendo aplicable debido a su iconicidad. A partir de esta afirmación, la presente investigación se cuestiona: ¿qué efectos de sentido se expresan mediante la señalización del sujeto indio/indígena, presente en los grupos de danza del Bumba meu boi de Maranhão? Así, esta investigación tiene como objetivo analizar los efectos de sentido presentes en la señalización utilizada para la representación del sujeto indio/indígena en el contexto del Bumba meu boi. Para ello, se plantean objetivos específicos que consisten en identificar las señales que son o fueron utilizadas para referirse al sujeto indígena presente en esta manifestación cultural y analizar qué sentidos atraviesan las señales recopiladas referentes al personaje indio/indígena. Se presenta como método de análisis de datos el Análisis del Discurso Materialista, teniendo como *corpus* cuatro sujetos sordos, con quienes se realizó una entrevista para registrar las señales mediante registros visuales. El marco teórico de la investigación se fundamenta en la teoría del Análisis del Discurso de Pêcheux (2010); en los aspectos lingüísticos abordados por Orlandi (1984; 2008; 2010 y 2015) e Indursky (2000 y 2011); y en los estudios lingüísticos que Quadros, Pizzio y Rezende (2008) aportan sobre la lengua de señas como lengua dotada de gramaticalidad.

Palabras clave: Lengua de Señas; Bumba meu boi; Análisis del Discurso.

INTRODUÇÃO

O estado do Maranhão possui uma diversidade cultural significativa, e dentre elas destaca-se o Bumba meu boi, celebração que envolve todo o estado. Sua exuberância de cores, ritmos e danças colorem e animam os arraiais, atraindo os



olhares dos espectadores nativos e estrangeiros, principalmente durante as festas juninas. O sujeito surdo não fica alheio a essas manifestações. O Bumba meu boi, com seu estilo próprio de brincar, traz, dentre seus personagens, o índio(a)/indígena, que desperta atenção pela forma como atua dentro da celebração.

Dessa maneira, surgiu o questionamento acerca da figura do personagem índio: quais efeitos de sentido são expressos através da sinalização desse sujeito que marca os grupos brincantes do Bumba meu boi do Maranhão? Assim, a pesquisa tem por objetivo analisar os efeitos de sentido presentes na sinalização utilizada para representar o sujeito índio/indígena no contexto do Bumba meu boi. A fim de alcançar esse propósito, este estudo busca identificar os sinais que são ou eram utilizados para se referir ao sujeito indígena presente nessa manifestação cultural e analisar quais sentidos atravessam os sinais coletados referentes ao personagem.

A metodologia adotada nesta pesquisa baseia-se na Análise do Discurso Materialista, tendo como categorias: efeitos de sentido, formações discursivas, ideologias, paráfrase e polissemia. O *corpus* constitui-se de entrevistas semiestruturadas realizadas em Libras, em momentos distintos e de forma individualizada. Os sinais foram coletados por meio de registros visuais, posteriormente traduzidos para a Língua Portuguesa na modalidade escrita, além da reprodução dos sinais produzidos pelos entrevistados para referir-se aos sujeitos indígenas. Participaram da pesquisa quatro sujeitos surdos, identificados no corpo do trabalho como: sujeitos A, B, C e D, com idades entre 20 e 40 anos, três cursando o ensino superior em universidades públicas do estado e um já graduado, todos domiciliados nos municípios que compõem a Grande Ilha de São Luís.



Ao iniciar a entrevista, foi explicado aos participantes que se tratava de um trabalho acadêmico sobre a sinalização utilizada para o personagem índio/indígena na festividade do Bumba meu boi no Maranhão. Ao serem perguntados sobre o interesse em participar, todos concordaram em contribuir com a pesquisa. O aporte teórico escolhido e alinhado à Análise do Discurso Materialista baseia-se nos estudos de Pêcheux (2010), Orlandi (1984; 2008; 2010; 2015), Indursky (2000; 2011) e Quadros, Pizzio e Rezende (2008), servindo de base para as discussões propostas no que se refere aos sentidos que atravessaram a terminologia “índio” por séculos e a mudança para o termo “indígena”.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: Introdução, momento em que se contextualiza o tema, apresenta-se a pergunta discursiva, os objetivos, a metodologia e os resultados pretendidos; em seguida, relata-se sobre a terminologia índio/indígena; logo após, realiza-se a análise dos sentidos que atravessam a figura do personagem na celebração do Bumba meu boi no estado do Maranhão; e, por fim, apresentam-se as considerações finais com as principais percepções sobre o tema.

ENTRE DANÇAS, SINAIS E SENTIDOS

O Bumba meu boi é uma das manifestações culturais mais marcantes para a cultura brasileira, principalmente no estado do Maranhão, que sedia as brincadeiras de boi comumente no período junino. Esta manifestação cultural fez-se tão importante para a população brasileira que logrou ser reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), como pode ser corroborado a seguir:

O Complexo Cultural do Bumba meu boi do Maranhão é o mais novo bem brasileiro consagrado Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. A excepcionalidade dessa celebração múltipla, que abarca as diferentes matrizes culturais formadoras das identidades que compõem o Brasil (IPHAN, 2019, p. 1).



As letras das músicas do Bumba meu boi desempenham um papel essencial na construção e na reafirmação da identidade do povo brasileiro. Elas narram episódios históricos, lendas e vivências coletivas, transmitindo conhecimentos ancestrais e reforçando a conexão com a memória cultural. A musicalidade, muitas vezes marcada por ritmos envolventes e expressões populares, fortalece o senso de comunidade e a continuidade das tradições. Os personagens do Bumba meu boi carregam simbolismos relacionados à miscigenação, à religiosidade e às lutas populares, tornando a celebração uma encenação da própria sociedade.

Desta forma, embora existam festividades similares que compartilham semelhanças quanto aos elementos visuais e performáticos, os figurinos coloridos e os bordados reluzentes em outros estados brasileiros, o Bumba meu boi do Maranhão se destaca por reunir uma variedade de estilos e sotaques e por sua riqueza ao possibilitar manifestações religiosas diversificadas, devido à devoção aos santos juninos e à reverência às divindades de matriz africana, que mesclam arte, cultura e religião, permitindo a construção de uma identidade cultural rica e diversificada.

Ainda no que tange à diversidade cultural, em vários espaços em que estas festividades ocorrem na cidade de São Luís-MA, é possível deparar-se com a presença de intérpretes de Libras, que tornam estas manifestações culturais acessíveis ao público surdo, possibilitando que este vivencie este processo de significação através dos sentidos expressos em sua própria língua. A acessibilidade dessa riqueza cultural pode ser percebida na fotografia a seguir, em que uma das autoras faz a interpretação de uma dessas brincadeiras da Língua Portuguesa para a Libras no Convento das Mercês, espaço de grande valor histórico e cultural que enriquece esta festividade junina.



Foto 1: Interpretação durante a apresentação do Bumba meu boi



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Desta maneira, observa-se que a utilização da língua é mais complexa do que a simples justaposição de palavras ou sinais, visto que os conceitos contidos nas terminologias utilizadas no processo de comunicação apontam para as ideologias com as quais os sujeitos se identificam. Neste estudo, a manifestação cultural junina do Bumba meu boi será tratada a partir da ótica de Silva Filho, que desloca o Boi para o campo discursivo ao propor:

Chamar de Bumba meu boi o conjunto de discursos (memórias) que se atualizam por meio da constante movência de acontecimentos na cadeia discursiva, que movimentam sentidos no imbricamento material (letra, música, dança, indumentária, etc), provocando deslizamentos ou deslocamentos e que funciona como efeito do puro já dito sob o efeito do novo (Silva Filho, 2021, p. 41).

Logo, as terminologias presentes na interpretação desta festividade estão diretamente relacionadas aos discursos produzidos, visto que estes se materializam através da língua, compondo o caráter identitário de todo um povo. Desse modo, é possível constatar que as terminologias possuem significações mais profundas, como

relatam Maimone e Tálamo (2011, p. 05): “[...] a Terminologia trabalha com o estudo científico dos conceitos e respectivos termos, que constituem um conjunto expressivo e comunicativo”. Assim, de acordo com as escolhas dos sujeitos durante o processo comunicativo, é possível observar quais significações emergem em seu discurso.

Para a Análise do Discurso, a língua, quando em situação de uso, pode sofrer transformações em seus efeitos de sentido para além de sua significação denotativa. Ou seja, esta produção lança mão sobre as representações dos sujeitos sobre o léxico, como corrobora Indursky (2013, p. 31):

A relação signo-sentido, que é estável e unívoca na língua, desestabiliza-se quando é tomada em sua situação de uso. Por essa razão, a linguística ocupa-se dos sentidos estabilizados do léxico de uma língua, passíveis de dicionarização, limitando-se ao estudo de seu sentido e sua referência, enquanto a AD interessa-se pelas representações feitas pelo homem no uso que este faz do léxico em sua prática discursiva, procurando examinar as transformações de sentido, bem como os efeitos daí decorrentes.

A partir dessa verificação, é possível inferir a respeito da formação ideológica à qual o sujeito está filiado em seu processo de constituição, como explica Althusser (1970, p. 94): “[...] a categoria de sujeito só é constitutiva de toda a ideologia na medida em que toda a ideologia tem por função (que a define) 'constituir' os indivíduos concretos em sujeitos”. Portanto, a partir de sua ideologia “[...] sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social” (Althusser, 1970, p. 69), o sujeito acredita escolher as terminologias utilizadas para expressar-se com base nos sentidos contidos nos léxicos à sua disposição. Desta forma, quando o sujeito pensa escolher um termo e não outro, passa pela falsa ilusão de escolha, por crer na autoria dos seus dizeres, no entanto esses dizeres já têm eco em outros. Mesmo existindo particularidades na formulação discursiva, ele apenas retoma outros discursos, significando o já estabelecido.

Tal processo ocorre em virtude do sujeito ser afetado pela ideologia que rege as formações discursivas dominantes. “No entanto, por não ter consciência de seu assujeitamento, mantém fortemente arraigada a ilusão de ser plenamente responsável

por seu discurso e suas posições” (Indursky, 2013, p. 35). Esse funcionamento se deve ao jogo da memória e do esquecimento, em que a memória se materializa no discurso mediante a ilusão de ineditismo ocasionada pelo esquecimento.

Esses funcionamentos discursivos oriundos da memória são esclarecidos por Indursky (2011, p. 02), quando a autora determina que:

Pensava-se sobre memória, mas sob outras designações, como, por exemplo, repetição, pré-construído, discurso transversal, interdiscurso. [...] Todas remetem, de uma forma ou de outra, à noção de memória. Mais exatamente, trata-se de diferentes funcionamentos discursivos através dos quais a memória se materializa no discurso.

Essa questão pode ser observada no que se refere ao uso da palavra “índio”, que por longos anos foi utilizada. Contudo, recentemente, discute-se a utilização dessa terminologia com base nos seus efeitos de sentido. “Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz [...]” (Orlandi, 2009, p. 30). Ou seja, busca-se averiguar os sentidos não ditos que funcionam através das terminologias utilizadas para referir-se ao personagem “índio”. Esses dizeres foram construídos e determinados pelo olhar dos sujeitos europeus que, ao chegarem em solo brasileiro, buscaram nomear os povos que encontraram de acordo com os sentidos em funcionamento nas condições de produção dominantes.

Consequentemente, essas produções silenciaram sentidos que funcionavam antes de sua chegada, assumindo um lugar discursivo que pertencia a outros dizeres, esvaziando seus sentidos, como afirma Orlandi (2008, p. 25): “Desse lugar vazio fazemos falar as outras vozes que nos dão uma identidade”. Esse esvaziamento aponta para o deslocamento da posição sujeito dos povos originários, que anteriormente eram donos dos seus dizeres e se significavam a partir de suas próprias condições de produção, sendo interpelados por uma formação ideológica dominante.

Entretanto, após a chegada do povo colonizador, os povos originários



passaram a ser interpelados por uma nova formação discursiva que, ao tornar-se dominante, passou a ditar a posição sujeito dos povos indígenas, construindo novas formulações discursivas através das quais esses sujeitos passaram a significar-se por meio do processo de interpelação, em que esses sujeitos passaram a ser dominados por uma nova série de representações ideológicas.

Sobretudo, novas discussões foram levantadas em torno dos efeitos de sentido presentes na terminologia empregada, considerada carregada de conotação pejorativa e preconceituosa, portanto, inapropriada para referir-se aos povos originários. Isso significa que o sujeito do discurso desloca sua identificação para uma outra formação discursiva, a de não aceitação dos efeitos de sentidos produzidos na formação discursiva anterior. Esse processo é explicado por Indursky (2000, p. 73): “o sujeito do discurso desidentifica-se de uma formação discursiva e sua forma sujeito para deslocar sua identificação para outra forma sujeito adversa à sua respectiva forma sujeito”. É importante frisar que, neste processo, o sujeito em momento algum deixa a posição sujeito em que é interpelado por uma formação ideológica, como explica Pêcheux (apud Indursky, 2000, p. 73): “a ideologia não desaparece; ao contrário, funciona de certo modo às avessas, isto é, sobre e contra si mesma através do desarranjo-rearranjo do complexo das formas ideológicas”. Dessa maneira, esse é um processo que funciona sempre dentro das formações discursivas permeadas por ideologias.

A citada discussão levou ao questionamento e a reivindicações por parte dos sujeitos aos quais esta palavra se referia, conduzindo-os ao engajamento pela substituição do termo “índio” por “indígena”. A troca ocorreu devido ao conceito contido em ambas as terminologias, em que cada termo apresenta significações vinculadas a ideologias divergentes, como pode ser observado em uma entrevista fornecida pelo advogado e secretário do Ministério dos Povos Indígenas, Luiz Henrique Eloy Amado, conhecido como Eloy Terena, ao discorrer sobre a mudança na nomenclatura dos referidos termos:



O termo índio é ultrapassado e inapropriado. Ele nos remete ao equívoco que Cristóvão Colombo teve ao chegar à América, pensando ter chegado às Índias. Então encontrou ali os índios. Por isso que nós, povos indígenas, estamos reivindicando o uso apropriado desse termo, justamente para celebrar a nossa originalidade, a nossa diversidade étnica, enquanto povos com línguas e culturas diferentes (Gamarra, 2023).

Logo, é possível perceber que o conceito contido no termo “índio” não coincide com o discurso ideológico dominante que interpela os povos originários e por todos perpassados na mesma condição de produção. Por essa razão, o termo foi substituído por “indígena”, que melhor representa a identificação desses sujeitos com sua ideologia, validada legalmente pela Lei nº 14.402, de 8 de julho de 2022, que, no seu primeiro artigo, revoga a legislação referente ao uso do termo anterior e legisla sobre o novo vocabulário a ser utilizado ao se referir aos povos originários: “Art. 1º Esta Lei institui o dia 19 de abril como o Dia dos Povos Indígenas e revoga o Decreto-Lei nº 5.540, de 2 de junho de 1943” (Brasil, 2022, p. 1).

Nesta conjuntura, a lei revogada definia o dia 19 de abril como o Dia do Índio, o que, conseqüentemente, remetia à reafirmação do discurso colonizador, que não estava de acordo com a formação ideológica e discursiva dominante nessa condição de produção. Por essa razão, passou pelo processo de silenciamento, definido por Orlandi (2008, p. 60) como “um processo de contenção de sentidos”. Ou seja, com a nova legislação, buscou-se descontinuar os sentidos presentes na terminologia anteriormente empregada pelos sujeitos do discurso, reconhecendo que os sentidos sempre podem ser outros, já que a incompletude é uma de suas marcas.

Quanto à Língua Brasileira de Sinais (Libras), por se tratar de uma língua natural, ela é igualmente perpassada pelas mesmas situações de uso que levam os sujeitos a questionar os sentidos presentes nas sinalizações e buscar adequar estas terminologias às suas formações ideológicas e discursivas.

Concordando com o exposto, as manifestações culturais do Bumba meu boi, alicerçadas em raízes africanas, indígenas e europeias (Azevedo Neto, 2019), são



significativamente perpassadas por essas questões, uma vez que seus enredos estão repletos de formações discursivas que atendem a uma ideologia. As escolhas de sinalizações realizadas na interpretação da língua portuguesa para a Libras precisam refletir o discurso presente nas letras dessas festividades, garantindo que o público surdo tenha real acesso ao conteúdo artístico e cultural exposto. Assim, acompanhar as mudanças lexicais que ocorrem em virtude de questões ideológicas é fundamental para a transmissão dos sentidos do conteúdo exposto, visto que não se trata apenas do sinal, mas de todos os sentidos contidos nesse signo linguístico.

Referente à interpretação realizada na manifestação cultural do Bumba meu boi, que marca o período de festividades juninas em São Luís, no estado do Maranhão, é possível perceber esse movimento de abandono de um sinal utilizado para referir-se à figura do índio/indígena em virtude da adoção de outro, como pode ser observado nas imagens abaixo, acompanhadas por *links* para vídeos, com o intuito de demonstrar a sinalização.

Foto 2: Sinalização que entrou em desuso
(https://youtube.com/shorts/kiU2qXi3UMY?si=hG_Uia9Ap76EAvLr)



Fonte: Arquivo dos autores

Foto 3: Sinal que substitui o anterior
(https://youtu.be/x3AUxrYof6o?si=3z-QLosM_qbxJauT)



Fonte: Arquivo dos autores

Ambas as sinalizações referem-se ao mesmo sujeito, contudo, cada uma produz efeitos de sentido distintos, em decorrência das formulações discursivas produzidas a partir de cada uma das sinalizações. Para compreender esses efeitos de sentido, é necessário observar as formações discursivas que permeiam a recorrência de cada sinal.

(RE)SIGNIFICAÇÃO DISCURSIVA: A memória e a substituição do sinal de “Índio” na Língua de Sinais

Com base nas questões acima expostas, buscou-se compreender quais motivações levaram ao abandono de um sinal por outro e quais os sentidos presentes em cada uma dessas terminologias. Para tanto, foi necessário entrevistar quatro sujeitos surdos usuários da Libras, para que, através da materialidade discursiva presente no *corpus* de suas entrevistas, fosse possível compreender quais os sentidos que estão em funcionamento nesta transição.

Para atender ao objetivo desta pesquisa, foram programadas duas perguntas elaboradas previamente, para que seja possível, através dos relatos fornecidos pelos sujeitos entrevistados, observar as produções discursivas presentes nas sinalizações utilizadas para referir-se ao sujeito indígena e analisar os efeitos de sentidos que permeiam cada uma à luz da teoria pecheutiana:

1. Quais sinais conhecem para referir-se ao sujeito indígena em enredos de Bumba meu boi (não foram levados em conta os classificadores, por não se relacionarem com o objetivo desta pesquisa)?
2. (Caso conheçam ambos os sinais) Qual sinal utilizam ao comunicar-se e o porquê da escolha do sinal em questão?

Para a primeira pergunta, os entrevistados A, C e D responderam conhecer ambas as variantes:

SD1 Entrevistado A – “Utilizo o sinal 2, porque o sinal 1 é preconceituoso por transmitir a ideia de bater na boca repetidas vezes, de forma rítmica, emitindo um som indistinto”.

SD2 Entrevistado B – “Conheço o sinal 1 e sempre utilizo esse sinal.”

Referente à segunda pergunta, foi direcionada somente aos entrevistados C e D, levando em consideração que o sujeito entrevistado A opinou a respeito do sinal que utiliza ao expô-lo, e o sujeito entrevistado B afirmou que utiliza somente o sinal 1.

SD3 Sujeito entrevistado C – “Porque o sinal 1 é preconceituoso, igual quando se utiliza o ato de puxar o canto do olho para falar de uma pessoa asiática de forma generalizada, sem se importar se ela é japonesa, chinesa, coreana, tailandesa, etc”.

SD4 Sujeito entrevistado D – “Eu utilizo somente o sinal 2, porque o sinal 1 não é mais utilizado pela comunidade surda, pois é um sinal opressor. O certo hoje é utilizar o sinal 2”.

A partir dos dados recolhidos, é possível aferir que apenas um dos sujeitos entrevistados não conhecia o sinal 2, e os demais não apenas o conheciam, como



deixaram de utilizar o sinal 1, substituindo-o pelo novo sinal. As alegações para esta mudança apresentam diversas motivações, contudo, todas relacionadas aos sentidos expressos no sinal 1 e sua natureza preconceituosa, principalmente no que diz respeito à associação de características ou ações estereotipadas relacionadas ao sujeito indígena (a quem o sinal se refere).

Com base nessas questões, a migração de um sinal para o outro aponta para o ato de os sujeitos usuários da língua deixarem de identificar-se com o discurso ideológico contido na sinalização e passarem a identificar-se com os sentidos contidos na nova sinalização. Corroborando esta constatação, encontram-se os recortes em que os sujeitos entrevistados afirmam: *“Porque o sinal 1 é preconceituoso”* (Entrevistado A e C), o que remete à desidentificação com o sentido discursivo do sinal 1 ou *“o sinal 1 não é mais utilizado pela comunidade surda, pois é um sinal opressor”* (Entrevistado D).

Para embasar seu posicionamento, o sujeito entrevistado na SD1 afirma: *“é preconceituoso por transmitir a ideia de bater na boca repetidas vezes de forma rítmica, emitindo um som indistinto”*. O discurso do sujeito entrevistado relata que o sinal deixa de ser utilizado por conta do ato de bater na boca repetidas vezes, apontando para uma formação discursiva que banaliza a comunicação dos sujeitos indígenas ao representá-la de forma caricata, atribuindo-lhe efeitos de sentido de formulações selvagens e incongruentes.

Observa-se, portanto, que se utiliza da iconicidade do sinal para explicar o sentido contido. Sobre a iconicidade, Quadros, Pizzio e Rezende (2008, p. 18) explicam: *“Iconicidade é a expressão de algo que reproduz as características mais salientes de uma ação ou de um objeto”*. Assim, é possível perceber que a formação discursiva europeizante atribui ao sujeito indígena o efeito de sentido de selvagem, ao ponto de, quando essa palavra é signo linguístico na Libras, seu sinal ser produzido a partir dos sentidos que se destacam no discurso europeu.

Logo, os sentidos emergem no discurso a fim de silenciar outros, ou seja, a identidade de uma civilização pré-existente e funcional que teve sua formação discursiva asfixiada, como relata Orlandi:

É assim que se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam fazer funcionar o trabalho significativo de uma outra formação discursiva. Esse silêncio trabalha os limites das formações discursivas, determinando, conseqüentemente, as margens do dizer. E isso em dois níveis: a política do silêncio em geral: o que é preciso não dizer para poder dizer (ex.: mecanismo de nomeação: se digo 'selvagem' para o índio, não posso dizer 'cidadão') (Orlandi, 2008, p. 60).

Contudo, a mudança de uso do sinal aponta para um processo de resistência dessas populações, que têm seus direitos usurpados desde a fundação do país e que, por meio da rejeição desse estereótipo preconceituoso, buscam se (re)afirmar como sujeitos que podem falar sobre si sem a interferência de outros sujeitos.

Este ato de resistência aponta para o processo de deslocamento da formação discursiva que, segundo Orlandi (2010, p.17), é “aquilo que, [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito”. Embora durante séculos os discursos sobre os indígenas, ditos pelo outro, tenham prevalecido os mesmos, não havia margem para o novo, apenas para o já dito; não havia espaços para outros dizeres que não estivessem de acordo com as condições de produção e formações ideológicas e discursivas vigentes. A respeito deste contexto, Orlandi teoriza que:

As condições de produção incluem, pois, os sujeitos e a situação. A situação, por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em sentido *lato*. Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido *lato*, a situação compreende o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo. Se separamos contexto imediato e contexto em sentido amplo é para fins de explicação, na prática não podemos dissociar um do outro, ou seja, em toda situação de linguagem esses contextos funcionam conjuntamente (Orlandi, 2010, p. 15).



No entanto, após vários debates relacionados à temática, observa-se que o contexto e as formações discursivas e ideológicas migraram para outro sistema ideológico, possibilitando o processo de deslocamento de um termo para outro. A partir destas considerações, cabe questionar a origem deste discurso a fim de compreender as repetições que estão em funcionamento através da memória. Busca-se, então, compreender o discurso pré-existente que Pêcheux (1997, p. 164) esclarece como “[...] o pré-construído corresponde ao ‘sempre-já-aí’”. Deste modo, o sujeito não age como autor do discurso, mas como reprodutor.

Haja vista as questões precedentes, em que discussões similares ocorrem no âmbito da Língua Portuguesa, nas quais o termo “índio” passa a ser substituído por “indígena”, de modo semelhante ao que ocorre na Libras, são questionados os significados contidos no discurso e o desacordo com esta significação leva os sujeitos a voltarem-se para outra formação discursiva. As questões acima mencionadas apontam para o “acontecimento” que, para a Análise do Discurso, trata-se do rompimento com uma estrutura cristalizada, dando origem a uma nova forma de dizer (Pêcheux, [1981] 2012).

Assim sendo, quando realizadas as novas instaurações de sentidos nas falas dos indígenas, “[...] estamos reivindicando o uso apropriado deste termo, justamente para celebrar a nossa originalidade, a nossa diversidade étnica” (Gamarra, 2023), rompem-se estruturas cristalizadas em virtude de outras formações discursivas.

De igual forma, ocorre no discurso a respeito da mudança de sinalização na Libras, em que um sinal decorrente de uma formação discursiva deixa de ser utilizado, abandonando uma estrutura pré-estabelecida. Esse processo é percebido a partir do discurso presente na SD3, quando o sujeito justifica este deslocamento afirmando que o sinal anteriormente utilizado foi abandonado porque *“é preconceituoso, igual quando se utiliza o ato de puxar o canto do olho para falar de uma pessoa asiática de forma generalizada, sem se importar se ela é japonesa, chinesa, coreana, tailandesa, etc.”*.

A partir deste relato, é possível perceber a repetição discursiva em torno do que diz respeito à diversidade étnica, em que ocorre o processo de paráfrase que “[...] representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado” (Orlandi, 2015, p. 36). Desta forma, quando representado nas manifestações culturais do Bumba meu boi, o sujeito indígena, enquanto personagem de grande importância para os enredos dessas festividades, passa a carregar um novo posicionamento discursivo pautado nos deslocamentos de sentidos resultantes das discussões ideológicas com base em suas significações.

A esse deslocamento de sentidos dá-se o nome de Polissemia, que Orlandi (1984, p.11) elucida como: “[...] (o novo, o diferente): que é o processo de instauração da multiplicidade de sentidos”. E o mesmo movimento ocorre quando estas festividades são interpretadas para a Libras, tornando-se acessíveis para a comunidade surda e repetindo o discurso de respeito à diversidade e abandono de sentidos considerados pejorativos por aqueles a quem a terminologia se refere.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito aos povos indígenas, os discursos direcionados a eles por longas datas tiveram a intenção de silenciar, apagar, assujeitar e oprimir. Foi-lhes atribuída uma terminologia cujos sentidos não condiziam com sua formação discursiva, pois quando os europeus aqui chegaram e deram nome a esta terra, entre os nomes atribuídos à nação estava “Brasil”. Aos indígenas foi negado o adjetivo pátrio de serem chamados de brasileiros, resultando na reprodução de um discurso contrário à imagem que se buscava construir para o sujeito indígena.

Com base nas discussões realizadas, é possível inferir uma resolução para a questão em torno dos efeitos de sentido expressos através da sinalização do sujeito índio/indígena, que marca os grupos brincantes de Bumba meu boi do Maranhão. A



análise realizada abordou os efeitos de sentido presentes na sinalização utilizada para a representação deste sujeito no contexto do Bumba meu boi. Para tanto, relatou-se quais sinais eram utilizados para referir-se ao sujeito indígena presente nesta manifestação cultural, bem como a alteração ocorrida nessa sinalização, para então analisar os sentidos que atravessam os sinais coletados referentes ao personagem índio/indígena.

Este percurso possibilitou perceber a existência de uma terminologia que reproduzia efeitos de sentidos presentes em uma formação discursiva já abandonada pelo público ouvinte. Em consonância com este discurso de libertação de terminologias incompatíveis com as discursividades dos povos indígenas, ocorreu o movimento de abandono da sinalização que continha esses sentidos e a migração para uma nova forma de sinalizar e referir-se ao personagem índio/indígena, sem repetir sentidos ultrapassados, afirmados por falantes e sinalizantes como pejorativos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO NETO, Américo. **O bumba meu boi no Maranhão**. São Luís: Pitomba, 2019.

BRASIL. Lei nº 14.402, de 8 de julho de 2022. Institui o Dia dos Povos Indígenas. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 8 jul. 2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/lei/L14402.htm. Acesso em: 3 dez. 2024.

GAMARRA, Jhefferson. **Por que a mudança do termo índio para indígena faz tanta diferença na “aldeia”?: lideranças garantem que mudança é fundamental para refletir as ideias e lutas das diversas culturas indígenas**. Campo Grande, 2023. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/brasil/cidades/por-que-a-mudanca-do-termo-indio-para-indigena-faz-tanta-diferenca-na-aldeia>. Acesso em: 3 dez. 2024.

INDURSKY, Freda. A fragmentação do sujeito na análise do discurso. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo (Org.). **Discurso, memória e identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.



_____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

_____. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Bumba meu boi do Maranhão é Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/5499/complexo-cultural-do-bumba-meu-boi-do-maranhao-agora-e-patrimonio-cultural-imaterial-da-humanidade>. Acesso em: 3 fev. 2025.

MAIMONE, Giovana Deliberali; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Linguística e terminologia: contribuições para a elaboração de tesouros em ciência da informação. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, abr. 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1734573/mod_folder/content/0/9%20DataGramaZero%2C_Rio_de_Janeiro-12%282%292011-linguistica_e_terminologia-_contribuicoes_para_a_elaboracao_de_tesouros_em_ciencia_da_informacao.pdf. Acesso em: 3 dez. 2024.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Segmentar ou recortar. Minas Gerais. **Série estudos**, v. 10, p. 9-26, 1984.

_____. **Terra à vista - Discurso do confronto**: Velho e Novo Mundo. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

_____. Análise do discurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli; RODRIGUES, Susy Laguzzi (Org.). **Introdução à ciência da linguagem**: discurso e textualidade. 2 ed. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

_____. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.

_____. **Análise do discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. [1981]. 6. ed. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2012.



QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais II: tópicos de linguística aplicados à língua de sinais: sintaxe**. Florianópolis: UFSC, Centro de Comunicação e Expressão, 2008.

SILVA FILHO, Marcelo Nicomedes dos Reis. **Eu canto pra São João e tu pra Pajé: uma análise da construção de religiosidades nas toadas de Bumba Meu Boi Sotaque de Matraca (Ilha)**. 2021. 221 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cascavel, 2021.

